

Teoria da Estruturação em estudos organizacionais: Análise da observação dos pressupostos

doi: 10.4025/enfoque.v39i1.42597

Sandra Mara Iesbik Valmorbida

Mestra em Contabilidade pela
Universidade Federal de Santa Catarina
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Contabilidade da
Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do Curso de
Graduação em Contabilidade da
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
smiesbik@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6607-7957>

Sandra Rolim Ensslin

Doutora em Engenharia de Produção pela
Universidade Federal de Santa Catarina
Professora do Programa de Pós-Graduação em Contabilidade
pela Universidade Federal de Santa Catarina
senssln@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7420-8507>

Recebido em: 26.04.2018

Aceito em: 26.07.2018

2ª versão aceita em: 07.08.2018

RESUMO

A Teoria da Estruturação (TE), proposta por Giddens (1984) para análise da interação social entre agentes e estruturas sociais, tem sido utilizada nos estudos organizacionais. Este artigo teve por objetivo analisar os estudos organizacionais quanto à observação dos pressupostos-base da TE. Baseado no artigo de Rossoni, Guarido Filho e Coraiola (2013) que detalha os pressupostos de Giddens aplicados aos estudos organizacionais, esta pesquisa selecionou artigos empíricos para análise. Essa seleção foi informada pelo *ProKnow-C*, em 8 bases de dados, nas quais se encontraram 2.463 referências de artigos, filtradas por leitura dos títulos, reconhecimento científico, leitura dos resumos e integral do trabalho, resultando em 30 trabalhos que usaram a TE em estudos organizacionais. A análise desses artigos deu-se em função do tipo de trabalho, no qual o mais utilizado foi estudo de caso (80%). A maioria usou mais de uma fonte de dados (67%), sendo utilizadas entrevistas (70%), análise documental (57%) e observações (33%). Identificou-se que a maioria (90%) não leva em consideração todos os pressupostos associados à TE. Ao não fazer isso, os pesquisadores põem em risco a validade e confiabilidade dos resultados que podem causar problemas de interpretação.

Palavras-chave: Teoria da Estruturação. Estudos Organizacionais. Revisão de Literatura. Pressupostos.

Structuration Theory in organizational studies: Analysis of the observation of assumptions

ABSTRACT

The Structuration Theory (ST), proposed by Giddens (1984) for the analysis of social interaction between agents and social structures, has been used in organizational studies. This article aimed to analyse the organizational studies regarding the observation of the basic assumptions of ST. Based on the article by Rossoni, Guarido Filho and Coraiola (2013) that details Giddens' assumptions applied to organizational studies, this research selected empirical articles for analysis. This selection was informed by *ProKnow-C* in 8 databases, in which 2,463 references of articles were found, filtered by reading the titles, scientific recognition, reading of the abstracts and integral of the work, resulting in 30 papers that used ST in organizational studies. The analysis of these articles was based on the type of work, in which the most used was a case study (80%). Most used more than one data source (67%), using interviews (70%), documentary analysis (57%) and observations (33%). It was identified that the majority (90%) does not take into account all the assumptions associated with ET. By failing to do so,

researchers put at risk the validity and reliability of results that can cause interpretation problems.

Keywords: Structuration Theory. Organizational Studies. Literature review. Assumptions.

1 INTRODUÇÃO

A Teoria da Estruturação, proposta por Anthony Giddens (1984) para análise da interação social, inclui os modelos para o comportamento social e as ações reflexivas dos indivíduos em situações específicas de espaço-tempo (a vida real, as configurações de escolha contextualmente situadas), que são por ele chamados de estrutura e agência (MACINTOSH, 1995).

A agência é definida como intenções de agir e da capacidade de as pessoas realizarem ações, atuarem de modo diferente ou absterem-se de intervir (GIDDENS, 1984; MACINTOSH; SCAPENS, 1990; GIDDENS, 2009; ENGLUND; GERDIN, 2014; ENGLUND; GERDIN, 2016), de forma que o ocorrido não acontecerá sem a interferência do indivíduo (GIDDENS, 1984, MACINTOSH, 1995; GIDDENS, 2009; GAO; LI, 2010). A possibilidade de tomar decisões, para agir sem restrições de sua própria vontade (BUSCO, 2009; ASHBY; PETERS; DEVLIN, 2014), indica que os atores não são submissos às estruturas existentes, visto que podem influenciar o ambiente de interação. Perdem a característica de agente quando a capacidade de fazer a diferença e de exercer algum tipo de poder é perdida. No exercício do poder, os agentes não agem de forma independente (GIDDENS, 1984; 2009), pois se apoiam nas regras preexistentes e recursos disponíveis (BERENDSet al., 2003; BUSCO, 2009). O agente tem a ação moldada pela estrutura que, ao mesmo tempo, restringe e habilita sua conduta. Nas atividades cotidianas, o agente também molda a estrutura e a repetição (recursiva), constrói sentidos, influencia decisões, busca por visibilidade e poder (RODRIGUES, 2008), negocia entre as várias regras e recursos (MORÉN, 2013) e realiza e/ou evita mudanças no contexto (LAWRENCE et al., 1997). Essas relações constituem os sistemas sociais, propiciando sua estruturação.

A estrutura refere-se a regras e recursos a que os agentes recorrem para decidir suas ações

(GIDDENS, 1984; GIDDENS, 2009; GAO; LI, 2010; CONRAD, 2014; WHITFORD; ZIRPOLI, 2014; CAPAVERDE; VAZQUEZ, 2015; ENGLUND; GERDIN, 2016). As estruturas são os modelos abstratos que orientam o comportamento humano em ambientes sociais (CONRAD, 2005; BUSCO, 2009). São ordens virtuais, constituídas pela memória, crenças e estoques de conhecimento mútuo que os atores sociais utilizam na interação (GIDDENS, 1984; GIDDENS, 2009; WORKMAN, 2010; SOUZA, 2011; CONRAD, 2014; ASHRAF; UDDIN, 2015; DUTTA; MALHOTRA; SHU, 2016), impulsionando a continuidade das práticas e a reprodução da estrutura social. As estruturas sociais são consideradas simultaneamente condicionantes e resultantes da ação, podendo possibilitar ou limitar a interação entre as pessoas (GIDDENS, 1984; BERENDS et al., 2003; TOLLINGTON, 2006; GIDDENS, 2009; MORÉN, 2013). Nesse contexto, uma vez que os atores se baseiam em elementos estruturais preexistentes (regras e recursos) para realizar suas ações, esses mesmos recursos podem limitar suas ações.

Agência e estrutura são tratadas como distintas, mas são fenômenos interdependentes e não podem existir separadamente (AKGUN et al., 2007; CHUNG; PARKER, 2008; ASHBY et al., 2014; ASHRAF; UDDIN, 2015). Ambas desempenham papel importante na produção e reprodução da estrutura social (BERENDS et al., 2003). Essa construção e reconstrução da estrutura pela interação de atores experientes é o que Giddens chama de Estruturação.

Com base no conceito de Estruturação, Giddens desenvolve a Teoria da Estruturação, constituída pelos pilares da Dualidade de Estrutura, da Cognoscibilidade dos Atores e da Noção dos Acontecimentos no Tempo e Espaço (GIDDENS, 1984; 2009). A Dualidade de Estrutura enfatiza a relação entre atores e estrutura. A agência se dá pela interação quanto à comunicação, poder e sanções, por meio das modalidades de esquemas interpretativos, facilidades (recursos)

e normas à disposição, que se manifestam nas dimensões de significação (regras), dominação (recursos) e legitimação (regras) da estrutura (GIDDENS, 1978, 1984, 2009). Essa interação atua na constituição e reconstituição de práticas sociais. Por sua vez, a Cognoscibilidade dos Atores remete à ideia de que os atores são informados e refletem sobre as consequências de suas ações para si e para a estrutura e a interação (GIDDENS, 1984; 2009). Esse conhecimento, embora limitado, é incorporado nas ações e interações organizacionais, transformando os comportamentos padronizados e institucionalizados. A Noção dos Acontecimentos no Tempo e Espaço busca entender como as pessoas agem, conceituam e se organizam no tempo e no espaço quando em interação (GIDDENS, 1984; GIDDENS, 2009). O agir das pessoas é afetado com o passar do tempo e com as alterações espaciais ocorridas na estrutura, fazendo com que haja, também, alterações na estrutura.

Giddens teve como objetivo construir uma teoria social em que as interações entre agentes individuais e estruturas eram vistos como a essência de um sistema social (HARRIS et al., 2016). A Teoria da Estruturação foi concebida para explicar a interação entre o sujeito com o meio em que vive na sociedade e em diferentes grupos sociais (GIDDENS, 1984; 2009). Ressalta-se que não era proposição de Giddens aplicar sua Teoria aos estudos organizacionais. No entanto, ela tem sido bastante empregada nesses estudos. Assim, emerge a seguinte pergunta de pesquisa: Os estudos organizacionais observam os pressupostos da Teoria da Estruturação? Assim, este artigo objetiva analisar os estudos organizacionais quanto à observação dos pressupostos-base da Teoria da Estruturação.

Esta pesquisa é importante, pois lança luz à necessidade de seguir os pressupostos básicos da Teoria da Estruturação para que os achados sejam confiáveis. Parte de uma constatação do artigo de Rossoni, Guarido Filho e Coraiola (2013) sobre a necessidade de coerência na aplicação dos conceitos por ela apresentados, e que o adequado emprego dos princípios estruturacionistas para o estudo das

organizações se faça necessário para considerar as especificidades do fenômeno que se pretende analisar. Assim é fundamental observar os pressupostos da Teoria da Estruturação, investigando a observação nos trabalhos empíricos organizacionais, o que lhe confere originalidade.

Esta pesquisa delimita-se à seleção de trabalhos empíricos que utilizaram a Teoria da Estruturação para estudar contextos organizacionais e à análise quanto à observação dos pressupostos da Teoria sociológica. Também parte de um pressuposto gnosiológico de que, em se seguindo os pressupostos da Teoria da Estruturação, os achados são mais confiáveis; e, principalmente, de modo a defender tais pressupostos. Este artigo apresenta a trajetória epistemológica da Teoria da Estruturação na seção 2; na seção, 3 apresenta-se a metodologia do estudo; a seção 4 trata da análise dos artigos; a seção 5 apresenta as considerações finais; por fim, estão as referências.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Teoria da Estruturação (TE) foi formulada, em grande parte, pela “crítica interna” do autor em relação às várias Escolas de Pensamento Social, geralmente concorrentes (GIDDENS, 2009). Essa avaliação crítica revelou uma série de pensamentos com os quais o autor concordava, mas também aspectos com os quais divergia e entendia funcionarem de outra forma e foram expressos na teoria proposta. O foco deste trabalho é a TE e serão apresentados, cronologicamente, aspectos estudados por pesquisadores para a formação da Teoria. Alguns aspectos da pesquisa e a teoria dos autores serão omitidos por não contribuírem/estarem relacionados aos aspectos da TE. A trajetória epistemológica é vista na Figura 1.

Os estudos ora enfatizam a ação individual, ora a ação coletiva. Alguns autores privilegiam o papel ativo do indivíduo na escolha das ações sociais, enquanto outros, o papel da sociedade e de suas instituições; outros ainda

ressaltam a importância do conjunto das práticas que definem as próprias relações entre indivíduo e sociedade (FERREIRA, 2010).

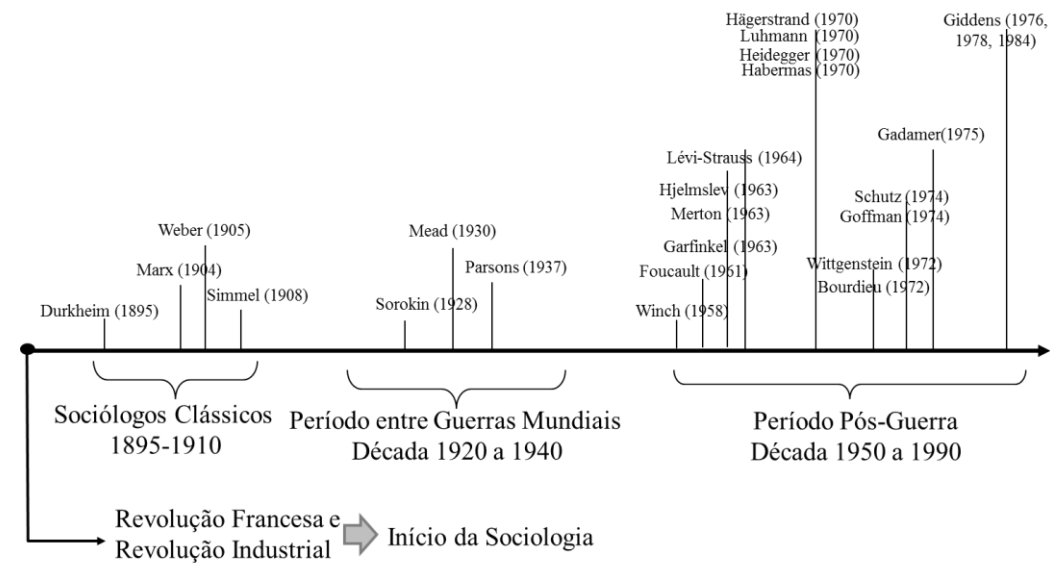


Figura 1. Trajetória Epistemológica da Teoria da Estruturação.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

David Émile Durkheim (1895) defendia que a Sociologia deveria examinar os fatos sociais, os aspectos da vida social que modelam as ações humanas como indivíduo, tais como economia e religião (GIDDENS, 2005). O estudo dos fatos sociais possibilita a compreensão da sociedade e das relações nela existentes, pois são os meios de agir, pensar ou sentir que são externos aos indivíduos e têm sua própria realidade fora da vida e da percepção das pessoas que, seguem padrões que são gerais em sua sociedade. Os fatos sociais podem forçar a ação humana de diversas maneiras, indo da punição absoluta à rejeição social ou à simples incompreensão (GIDDENS, 2005; FERREIRA, 2010). A sociedade predomina sobre o indivíduo, impondo-lhe um conjunto de normas sociais (GIDDENS, 2005; FERREIRA, 2010). A estrutura social restringe as atividades de forma paralela, estabelecendo limites ao que o homem pode fazer como indivíduo. As ideias defendidas por Durkheim contribuíram com o entendimento da Cognoscibilidade dos Atores, com as normas e sanções componentes das dimensões da legitimação. No entanto, Giddens percebe relação dual entre estrutura e

agente, a qual é entendida por Durkheim apenas pelo predomínio da estrutura.

Karl Heinrich Marx (1904) entendia que o estudo sobre a realidade social deveria centrar-se na análise de como a sociedade se produz e se reproduz ao longo da história. Para ele, há uma relação circular entre o geral (sociedade) e o particular (indivíduos) de perceber a realidade (FERREIRA, 2010). Da interação permanente, entre as formas produtivas, os meios e as relações de produção, resulta a estrutura da sociedade (FERREIRA, 2010). Assim, as estruturas existiam externa ou independentemente do indivíduo (GIDDENS, 2005) e deveriam ser estudadas. Deve-se considerar que não há homem nem sociedade ideal isolados na natureza, mas ambos conjugados concretamente a um momento histórico definido (Ferreira, 2010). Na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção estas que correspondem à determinada etapa de desenvolvimento de suas forças produtivas e materiais (Ferreira, 2010). Essa construção do mundo, alheia à sua

vontade, deve-se ao condicionamento da estrutura em que o indivíduo está inserido. Há dois elementos principais (o capital e a mão de obra assalariada) na relação de exploração de uma sobre a outra (GIDDENS, 2005). Há dominação na sociedade, e atribui aos homens organizados o poder de condução de mudança (GIDDENS, 1978; FERREIRA, 2010). Marx já apontava a relação de circularidade entre agente e estrutura e contribuiu ainda para a Teoria da Estruturação com a evidenciação do poder oriundo da dominação de classes.

Karl Emil Maximilian Weber (1905) defende que a Sociologia deveria centrar-se na ação social, e não nas estruturas que foram criadas por meio da ação social dos indivíduos (GIDDENS, 2005; FERREIRA, 2010). Definiu ação social como a conduta humana, pública ou não, a que o agente atribui significado subjetivo, baseando-se em critérios internos dos indivíduos participantes que são conscientes de suas ações (FERREIRA, 2010). A ação social é feita pelo indivíduo, e não pela sociedade, à qual se reserva o papel de julgar e aceitar ou não a ação individual de acordo com seus próprios valores e princípios (LAKATOS; MARCONI, 2006). Seu objetivo é compreender a conduta individual e explicar as causas e consequências de sua origem, resultados e seus significados (LAKATOS; MARCONI, 2006). Weber focou na habilidade de os indivíduos agirem criativamente sobre o mundo exterior e moldarem o futuro (GIDDENS, 2005). As estruturas na sociedade são formadas por complexa interação de ações, assim como as ideias e valores culturais ajudam a modelar a sociedade e modelam as ações individuais (GIDDENS, 2005), privilegiando a parte sobre o todo. A ação do indivíduo sobre a sociedade é que determina a relação (FERREIRA, 2010). A contribuição de Weber é a compreensão dos problemas que envolvem a dominação e o poder (GIDDENS, 1978; FERREIRA, 2010). Da teoria de Weber despreende-se a cognoscibilidade dos agentes, a significação, a dominação e o poder. Ao contrário de Giddens, Weber entendia que a ação humana moldava a relação com a estrutura.

No entendimento de **Georg Simmel** (1908), a sociedade refere-se aos indivíduos em suas

múltiplas relações recíprocas (Domingues, 2008). Seus estudos giravam em torno de como os indivíduos se agregavam e como se desuniam na interação social (LAKATOS; MARCONI, 2006). O processo de socialização seria resultante da forma que mais se repetisse. Estudou aspectos de dominação e subordinação, defendendo que as relações de poder não são unilaterais (LAKATOS & MARCONI, 2006). Embora Giddens não identifique na sua obra, suas ideias em torno da interação social e da dominação parecem ter sido observadas por ele.

Na mesma linha, **Pitirim A. Sorokin** (1928) defendia que a interação é a unidade em que os fenômenos sociais deveriam ser analisados (LAKATOS; MARCONI, 2006). Assim, não há como pensar o estudo da Sociologia sem analisar o indivíduo e a estrutura social na qual ele está inserido. Também contribuiu para a Teoria da Estruturação quanto à percepção de unidade entre indivíduos e estrutura.

George Herbert Mead (1930) aponta a característica da reflexibilidade dos atores (GIDDENS, 1978), fundamentada na reciprocidade das relações sociais na interação entre o homem e o meio em que está inserido (GIDDENS, 1978). A noção de ação está integralmente vinculada à capacidade de autorreflexão dos atores humanos no sentido de monitoramento de suas próprias condutas (GIDDENS, 1997). Foi o primeiro a ver a possibilidade de incorporar a reflexibilidade na Teoria da Ação (GIDDENS, 1997). Argumentava que o ser humano depende de símbolos e conhecimentos compartilhados em suas interações uns com os outros. Sustentava que a linguagem permite que o homem se torne autoconsciente da individualidade e capaz de ver a partir da perspectiva externa como os outros o veem (GIDDENS, 2005). O autor desenvolveu a noção do sujeito (*self*) simultaneamente ativo e objeto de si mesmo e da sociedade (eu e mim). O “eu” respondia pelo aspecto ativo do sujeito, que se move no impulso de intervir no mundo. O “mim” vinha depois, já condicionado socialmente pela visão que outros têm do sujeito e de como respondem à sua atuação (DOMINGUES, 2008). A Teoria da Ação Social, à qual Mead se vinculava, preocupa-se com a análise de como

os agentes individuais se comportam ou se orientam com respeito a cada um e à sociedade (GIDDENS, 2005). Tem sido criticado por ignorar as questões maiores do poder e da estrutura dentro da sociedade e como eles servem para restringir a ação individual (GIDDENS, 2005). Essa crítica é observada por Giddens e contemplada na Teoria da Estruturação, contribuindo na formação da significação no tocante à ideia de símbolos usados na comunicação entre os indivíduos.

Na mesma linha de pensamento de Weber, **Talcott Edgar Frederick Parsons** (1937) indicava a ação social como objeto de estudo da Sociologia (LAKATOS; MARCONI, 2006), evidenciando os elementos constitutivos de ação social e o reconhecimento da sua importância na orientação do homem em suas relações sociais (Domingues, 2008). O ator é programado para fazer o que faz como resultante de seus valores, internos da personalidade e com motivação psicológica e a sociedade é uma das espécies de sistema social (Demo, 1987). O cenário está pronto, mas os atores só atuam de acordo com o roteiro escrito para eles. Os homens não aparecem como agentes qualificados e capazes de conhecer seu próprio destino (GIDDENS, 1978). Parsons desenvolveu o Esquema Conceitual Geral da Ação, no qual a ação consiste de estruturas e processos, e por meio dos quais os seres humanos formam intenções significantes e implementam-nas em situações (DEMO, 1987). Nesse esquema, distinguiu três elementos imprescindíveis: o agente (ator), a situação e a orientação do ator em relação à situação (LAKATOS; MARCONI, 2006). O indivíduo passou a ser considerado como meio de acesso privilegiado do pesquisador às estruturas sociais (FERREIRA, 2010).

Assim, o sistema social é composto da interação dos indivíduos, tanto como atores, quanto como objetivo de orientação dos outros (DEMO, 1987). Esse sistema contém valores, normas e regras diferenciados e particularizados, requerendo todos eles referências culturais para que elas sejam significativas e legítimas (DEMO, 1987). Foca no funcionamento das estruturas, como resultante de modelos culturais de significações (ideias, valores e símbolos), institucionalizados

no sistema social e na cultura e interiorizados por indivíduos que atualizam seus comportamentos e ações em função das situações com que se deparam (LAKATOS; MARCONI, 2006; FERREIRA, 2010). Em cada caso, ele pode calcular os riscos envolvidos em um ato particular, em termos de escapar às sanções, mas não necessariamente implica aceitação moral, pois envolve a reação de outros (GIDDENS, 1978). Embora critique o Estruturalismo defendido por Parsons e a inclinação para a estrutura, Giddens observa suas ideias nas dimensões de significação e legitimação da Teoria da Estruturação.

Peter Winch (1958) desenvolveu as noções de regras às quais a sociedade estaria vinculada (GIDDENS, 1978). Segundo Giddens (2009), as regras têm dois aspectos: por um lado, referem-se à constituição de sentido do pretendido; por outro, à sanção de modos de conduta social (GIDDENS, 2009). As regras estudadas por Winch deram base para a definição da Teoria da Estruturação e para as dimensões de dominação e legitimação.

Ralf Gustav Dahrendorf (1959) enfatizava o papel determinante das coerções socioestruturais na determinação do comportamento individual e do coletivo. Diferente desse autor, Giddens defendia haver interação entre as coerções estruturais e o comportamento dos indivíduos, que ele chama de Dualidade de Estrutura.

Michel Foucault (1961) contribuiu com a discussão sobre poder e dominação, afirmando que eles não são fenômenos inerentemente nocivos (GIDDENS, 2009) como seus antecessores defendiam. Entendia o poder como o modo que os indivíduos e os grupos atingem seus objetivos em contraste com as conquistas de outros grupos e indivíduos. Em seus estudos, apresentou ideias importantes a respeito da ligação existente entre o poder, a ideologia e o discurso em relação aos sistemas organizacionais modernos (GIDDENS, 2005). Foucault estudou o poder, dando papel central ao discurso de como ele influenciava o poder e o controle na sociedade (GIDDENS, 2005). Para Foucault, o poder é estabelecido pelo

monitoramento, pela coordenação e pelo controle de atividades. Assim, o poder age sobre os indivíduos e os torna sujeitos governáveis (LAWRENCE et al., 1997). Para Giddens, o poder age não só nas pessoas, mas por meio delas.

Segundo **Robert Karhart Merton** (1963), a Sociologia é orientada pela ação individual do cientista que seria julgado pelas expectativas e pelos valores de sua sociedade (LAKATOS; MARCONI, 2006). A estrutura social é composta de valores e normas: valores descrevem os objetivos vislumbrados como legítimos para a ação pela sociedade; as normas são os caminhos pré-determinados e esperados por esta para a consecução desses fins de forma legítima (DOMINGUES, 2008). Merton reivindica a mudança do foco de análise da sociedade para as unidades menores internas que a compõem. A forma de organização dos grupos dentro da estrutura social e para os indivíduos poderia ter consequências inteiramente diversas. Precisa ser avaliado se se trata, antes, de consequências positivas (funções), negativas (disfunções) ou neutras (GIDDENS, 2009). Merton apresentou a estrutura como importante, e as ações dos indivíduos determinadas por pressões dessa estrutura. Giddens aproveitou essa ideia acrescentando a perspectiva de dualidade de pressão entre estrutura e agente.

Harold Garfinkel (1963) considerava que a realidade socialmente construída está presente na vivência cotidiana de cada um e que, em todos os momentos, se pode compreender as construções sociais que permeiam a conversa, os gestos, a comunicação, ou seja, a arte de falar no tempo e espaço (GIDDENS, 1978; DOMINGUES, 2008) quando da interação social por meio dos esquemas interpretativos. Garfinkel interessava-se pela explicabilidade, pela destreza cognitiva da comunicação e dos conjuntos comunicativos (GIDDENS, 1978; GIDDENS, 2009) e contribuiu com a noção de esquemas interpretativos que guiam a comunicação entre agente e estrutura.

Claude Lévi-Strauss (1963) utilizou o termo “*duree* da vida cotidiana” para identificar a constante reprodução social, recursividade que

indica o caráter repetitivo da vida cotidiana. O tempo reversível das instituições é a condição e o resultado das práticas organizadas na continuidade da vida diária (GIDDENS, 2009). Lévi-Strauss acrescentou a recursividade das interações sociais.

Louis Hjelmslev (1963) desenvolveu a Teoria da Linguagem (fala humana) que é dotada de múltiplos valores, é inseparável do homem e se faz presente em todos os seus atos; é o instrumento pelo qual o homem modela pensamento, sentimentos, emoções, esforços, vontade e atos. Por meio da linguagem, o homem influencia e é influenciado pela sociedade (GIDDENS, 1979). A influência da linguagem é incorporada por Giddens como constituinte da comunicação e significação na interação.

Jürgen Habermas (1967), autor da Teoria da Ação Comunicativa, destacava a necessidade da busca dos fundamentos linguísticos da comunicação, sem a qual não existiria a ação social (Ferreira, 2010), fazendo distinção entre competência linguística e comunicativa (GIDDENS, 1978). A comunicação, segundo Habermas, serviria para libertar os homens da dominação de outros homens e de forças que não entendem e nem controlam (GIDDENS, 1978; Domingues, 2008). Os indivíduos em interação poderiam questionar mutuamente sua ação, reivindicar validade e demandar justificativa por suas ações, ou seja, questionando afirmações e ideias em termos de verdade, veracidade e correção normativa (Domingues, 2008). O autor tentou mostrar a importância de formas sistematicamente distorcidas de comunicação (GIDDENS, 2009). A comunicação libertadora é contemplada na Teoria da Estruturação nas dimensões de significação e dominação.

Martin Heidegger (1967) também focou a reflexibilidade dos atores em seus trabalhos, assim como Mead e Wittgenstein (Giddens, 1978). As pessoas envolvidas usam suas capacidades cognitivas para refletir sobre suas ações e o fazem por meio da linguagem. A linguagem é um sistema simbólico ou de sinais, e a estrutura de descrições potenciais é um meio

da atividade prática social. A produção do sentido, nos atos comunicativos, é uma hábil realização dos atores (GIDDENS, 1978) e auxilia na evolução de suas práticas ao longo do tempo (GIDDENS, 2009). A comunicação e a reflexibilidade são contempladas na dimensão de significação da Teoria da Estruturação.

Niklas Luhmann (1969) desenvolveu a Teoria Geral dos Sistemas Sociais. Para ele, sistemas sociais são aqueles constituídos por comunicação, e tudo que não é comunicação está no ambiente, não no sistema. Não existe sociedade sem seres humanos, eles precisam existir e permanecer no sistema, para ser considerado social. Esse sistema é autopoietico, ele mesmo produz e reproduz os elementos que o constitui (DOMINGUES, 2008). As comunicações são produzidas somente dentro do sistema, e essas comunicações produzem outras. O indivíduo vê, ouve, lê e interpreta uma mensagem e gera outra comunicação (Domingues, 2008). comunicação consiste em disponibilizar para o público a sua observação de mundo para que esse público possa elaborar sua própria observação (DOMINGUES, 2008). A TE incorporou a ideia de sistema social que se produz e reproduz na interação entre agente e estrutura, e quanto à comunicação como forma de interação na dimensão de significação.

Torsten Hägerstrand (1970) complementou as concepções de Goffman (GIDDENS, 2009), em relação à questão de tempo-espaco, no exame dessas conexões relacionadas com a contextualidade da interação social e a importância da localização das ações dos indivíduos no tempo-espaco em que elas ocorrem. A localização dos acontecimentos no tempo e no espaco em que ocorrem é a contribuição de Hägerstrand à Teoria da Estruturação.

Erving Goffman (1972) escreveu sobre interação social, sugerindo que os agentes humanos são extremamente instruídos. Os seres humanos são o que são, porque seguem um conjunto complexo de convenções. À medida que aplicam essa capacidade de conhecimento em suas ações, dão força e conteúdo às mesmas regras e convenções que empregam (GIDDENS, 2005). Goffman preocupava-se com

a ordenação temporal e espacial da atividade social (GIDDENS, 2009), dando importância à regionalização dos eventos. Os cenários são regionalizados de forma que influenciam o caráter serial dos encontros e são influenciados por estes (GIDDENS, 2009). A localização dos acontecimentos no tempo e espaco em que ocorrem é a contribuição de Goffman à Teoria da Estruturação, além da significação.

Alfred Schutz (1972) apontou que os atores empregam esquemas tipificados (interpretativos) no curso de suas atividades diárias para negociar rotineiramente as situações da sua vida social (DOMINGUES, 2008; GIDDENS, 2009). A compreensão da conduta dos outros pode ser examinada, como o processo de tipificação pelo qual o ator aplica os esquemas interpretativos apreendidos para entender os significados do que eles fazem (GIDDENS, 1978), entendendo que o agente possui receitas de como responder aos outros, mas geralmente não consegue explicar sua conduta com teorias conscientemente formuladas (GIDDENS, 1978), porém isso não compromete a racionalidade do ator na ação e na comunicação (conduta social) (GIDDENS, 1978). Essa conduta moral de interação liga-se como conjunto de relações de poder, definidas por Schutz como habilitadora e outorgante da ação (GIDDENS, 1978). Essa condição de habilitadora e outorgante da ação é criticada por Giddens que entende que há Dualidade de Estrutura. Ainda é possível citar a questão do poder como forma de dominação e os esquemas interpretativos utilizados na interação pela significação.

Ludwig Wittgenstein (1974) também defendeu o homem como ser reflexivo (GIDDENS, 1978). Essa característica se reflete pela linguagem popular, interesse pela ação, significado e convenção no contexto da vida social humana (GIDDENS, 1978). As regras são pensadas frequentemente em ligação com jogos, como prescrições formalizadas (GIDDENS, 2009). A consciência prática ao ator permite seguir regras e mudá-las sem questionar significado e características (Domingues, 2008). A capacidade reflexiva e a linguagem dão base à questão da comunicação como forma de interação na estrutura de significação.

Hans-Georg Gadamer (1967) afirmou que os acontecimentos passados, vividos pelos atores, estão sujeitos à revisão à luz da experiência e dos acontecimentos subsequentes. A vida social prática exhibe as características do círculo hermenêutico (interpretação) (GIDDENS, 2009). A dependência do contexto é considerada integrante da produção de significado em interação, e não apenas como dificuldade para a análise formal (GIDDENS, 1978). A interpretação dá base a cognoscibilidade do agente e a significação da relação entre agentes e estrutura. Segundo Boland Jr (1993, p.125), “[o] ato interpretativo é condição universal do estar no mundo”.

Pierre Bourdieu (1977) admitiu que existem, no mundo social, estruturas objetivas que podem dirigir ou coagir a ação e a representação dos indivíduos (agentes). Suas pesquisas centram-se na análise de como os agentes incorporam a estrutura social, ao mesmo tempo em que a produzem, a legitimam e a reproduzem. Assim, a consciência prática permite ao agente seguir regras e mudá-las sem questionar seu significado e características. As posições dos atores, nos campos político, econômico, literário, científico, jurídico, estabelecem-se relacionamente de acordo com o poder detido por eles. Esse poder confere legitimidade a ideias, posturas, comportamentos e valores de cada grupo (DOMINGUES, 2008), pesando na estrutura, mas admite que os atores são criativos e agem para modificar os sistemas sociais em que estão envolvidos. Bordieu reforça a tese de Giddens acerca da Dualidade da Estrutura, da legitimação, da significação e da dominação.

A maioria das escolas de pensamento sociológico enfatiza o caráter ativo e reflexivo da conduta humana. Atribui papel fundamental à linguagem e às faculdades cognitivas na interpretação e explicação da vida social, presentes nas atividades concretas, constituindo a vida cotidiana (GIDDENS, 2009). A Teoria da Estruturação tenta suprir as deficiências do consenso ortodoxo e incorpora os desenvolvimentos das demais escolas do pensamento.

Em 1971, Giddens publicou *Capital is mand*

modern social theory, sobre as obras de Marx, Weber e Durkheim. Também escreveu artigos (entre 1973 e 1977) para a imprensa, reunidos depois numa coletânea intitulada *Studies in social and political theory*, aprofundando a abordagem dos clássicos da Sociologia, bem como focalizando tendências recentes à época: Talcott Parsons e o funcionalismo estrutural; Jürgen Habermas e a teoria crítica; e Harold Garfinkel e a etnometodologia (GIDDENS; PIERSON, 2000). Após essas reflexões teóricas e filosóficas, lançou as bases da Teoria da Estruturação como novo paradigma sociológico, esboçadas no livro *New rules of sociological method* (1976) (GIDDENS; PIERSON, 2000).

Três anos depois, a Teoria da Estruturação ganhou o primeiro esboço sistemático no livro *Central problems in social theory*. Em 1984, com a publicação de *The constitution of society*, Giddens desenvolveu nova tipologia dos sistemas sociais como ajustes entre relações tempo-espço. Nesse livro, encontra-se a exposição formal (e, até agora, definitiva) da Teoria da Estruturação (GIDDENS; PIERSON, 2000). Também desenvolveu a Teoria da Estruturação ao refletir criticamente sobre teorias sociais com foco predominantemente em estruturas, tais como no marxismo e no funcionalismo estrutural (Merton e Parsons) e nas sociologias interpretativas, como a etnometodologia (Garfinkel), o interacionismo simbólico (Mead) e a fenomenologia (Schutz) (BERENDS et al., 2003). A Teoria pode ser considerada uma ontologia da realidade social que tenta superar os dualismos que se tornaram profundamente enraizados na teoria social: o subjetivismo contra objetivismo, o indivíduo e a sociedade (BERENDS et al., 2003). Essa Teoria tem como unidade de análise a Dualidade de Estrutura. Por ela, os polos (agência e estrutura) podem ser articulados, sua unilateralidade e versão da Sociologia atenta, ao mesmo tempo, à capacidade reflexiva dos atores e ao condicionamento de estruturas prévias (DOMINGUES, 2008). Giddens debruça-se, por um lado, sobre a ação levada a cabo pelos atores individuais; por outro, sobre o impacto da estrutura sobre aqueles agentes. Os pressupostos da Teoria são apresentados na seção 3.2 da Metodologia.

3 METODOLOGIA

3.1ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

O objetivo deste estudo é analisar os estudos organizacionais quanto à observação dos pressupostos-base da Teoria da Estruturação. Para isto adota: i) como estratégia a pesquisa-ação; ii) como instrumento de coleta de dados, o ProKnow-C; e, iii) abordagem qualitativa (CRESWELL, 2010).

Tendo em vista que, as pesquisadoras, participam durante todo o processo de desenvolvimento da primeira fase do *Proknow-C* (ferramenta escolhida), precisa apresentar suas limitações e fazer escolhas, com base nestas escolhas resultará o PB a ser analisados como representante do fragmento da literatura sobre a Teoria da Estruturação aplicada aos estudos organizacionais, entende-se que esta é uma pesquisa-ação (CRESWELL, 2010).

No que diz respeito à coleta de dados, foram utilizados dados primários e secundários (RICHARDSON, 1999). A seleção de artigos para formação do PB utiliza dados primários, uma vez que as delimitações são feitos pelos pesquisadores em todas as escolhas necessárias durante o processo. Por outro lado, a fase de análise da literatura utilizou dados

secundários, representado pelos artigos que compõem o PB analisado.

Dentre as estratégias de validade, para verificar a precisão dos resultados, propostas por Creswell (2010), os autores optaram por *member checking* (p. 226) e “auditor externo” (p. 227). Quanto à confiabilidade do estudo, entende-se resguardada pela apresentação detalhada dos procedimentos metodológicos (CRESWELL, 2010) na subseção 3.2 e 3.3 que permite aos leitores e outros pesquisadores replicar o processo desta pesquisa. Cumpre salientar que os pesquisadores documentaram os dados e resultados encontrados em cada etapa e também procederam ao “código de verificação cruzada”, sugerido por Creswell (2010, p. 219), em todas as etapas desenvolvidas.

3.2PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Este trabalho objetiva analisar trabalhos que utilizaram a Teoria da Estruturação, proposta por Giddens, em estudos organizacionais. A Figura 2 resume o processo e os resultados encontrados, pela coleta dos dados seguindo operacionalização proposta pelo *Knowledge Development Process – Constructivist* (ProKnow-C) (ENSSLIN et al., 2014; DUTRA et al., 2015; VALMORBIDA; ENSSLIN, 2016).

Seleção do Portfólio Bibliográfico							
Formação do Banco de Artigos Bruto			Filtragens do banco de artigos				Representatividade
Fase 1	Fase 2	Fase 3	Fase 4	Fase 5	Fase 6	Fase 7	Fase 8
Identificação das Bases de Dados	Definição das Palavras-Chave	Busca de Artigos nas Bases de Dados	Filtragem quanto ao alinhamento do título	Filtragem quanto ao reconhecimento científico	Filtragem quanto ao alinhamento pela leitura do resumo	Filtragem quanto ao alinhamento pela leitura integral do artigo	Análise das Referências dos Artigos do PB
8 bases	4 termos	2.463 referências	Mantidos 142 artigos	79 artigos	69 artigos	65 artigos	67 artigos
Web of Science; Scopus; EBSCO Host; ASSIA-Proquest; Science Direct; JSTOR; Emerald e, SPELL	Structuration theory; structural theory; theory of structuration; theory structural.	Total encontrado: 2.463 referências; Não-duplicados e Somente Artigos de Periódicos: 1.365 artigos. Data consulta: 31/08/2016	Critério para manter/descartar artigos: foram mantidos todos os trabalhos em que o título indicava utilizar a Teoria da Estruturação em estudos organizacionais. Mantidos: 142 artigos Descartados: 1.223 artigos.	Consulta nº. de citações dos 142 artigos no <i>Google Scholar</i> = 15.133; Artigos: a) Reconhecimento Científico comprovado: 41; Recentes: 23 Artigos: 78 de autores: 5. Descartados 63 artigos.	Leitura do resumo dos 79 artigos; 69 artigos realizaram pesquisas usando a Teoria da Estruturação em estudos organizacionais.	Disponibilidade gratuita do artigo completo; 4 não disponíveis; Leitura dos 65 artigos: Todos foram considerados alinhados - Artigos do Portfólio Bibliográfico (PB)	O mesmo procedimento foi realizado nas referências dos 65 artigos do PB. Incorporação de 2 artigos. Artigos do Portfólio Bibliográfico (PB) = 67

Figura 2. Processo de Seleção do Portfólio Bibliográfico.
Fonte: Resultados da pesquisa informados pelo ProKnow-C.

Para selecionar esses trabalhos, foi utilizado processo sistematizado para seleção do Portfólio, orientado pelo *Knowledge Development Process-Constructivist (Proknow-C)*, como apresentado no artigo de Valmorbida e Ensslin (2016). Após a leitura integral dos 67 artigos, foram identificados 30 artigos que desenvolveram pesquisa empírica, identificados nas referências com a marcação [PB] ao final.

3.3 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

Após a seleção dos artigos empíricos, eles foram analisados quanto ao tipo de trabalho e à estratégia de coleta de dados. Essas análises basearam-se na contagem de ocorrência das

variáveis. Em um segundo momento, os trabalhos foram analisados quanto à observação das recomendações metodológicas para adoção da perspectiva da Teoria da Estruturação nos estudos organizacionais, como detalhado na Figura 3.

A análise realiza-se pela leitura do artigo completo, procurando evidências da observação dos pressupostos da Teoria pelos autores. Cabe salientar que esses pressupostos devem ser observados para garantir confiabilidade aos achados da pesquisa. Rossoni, Guarido Filho e Coraiola (2013) detalham os pressupostos de Giddens aos estudos organizacionais, enfatizando a contribuição aos trabalhos pela sua observação.

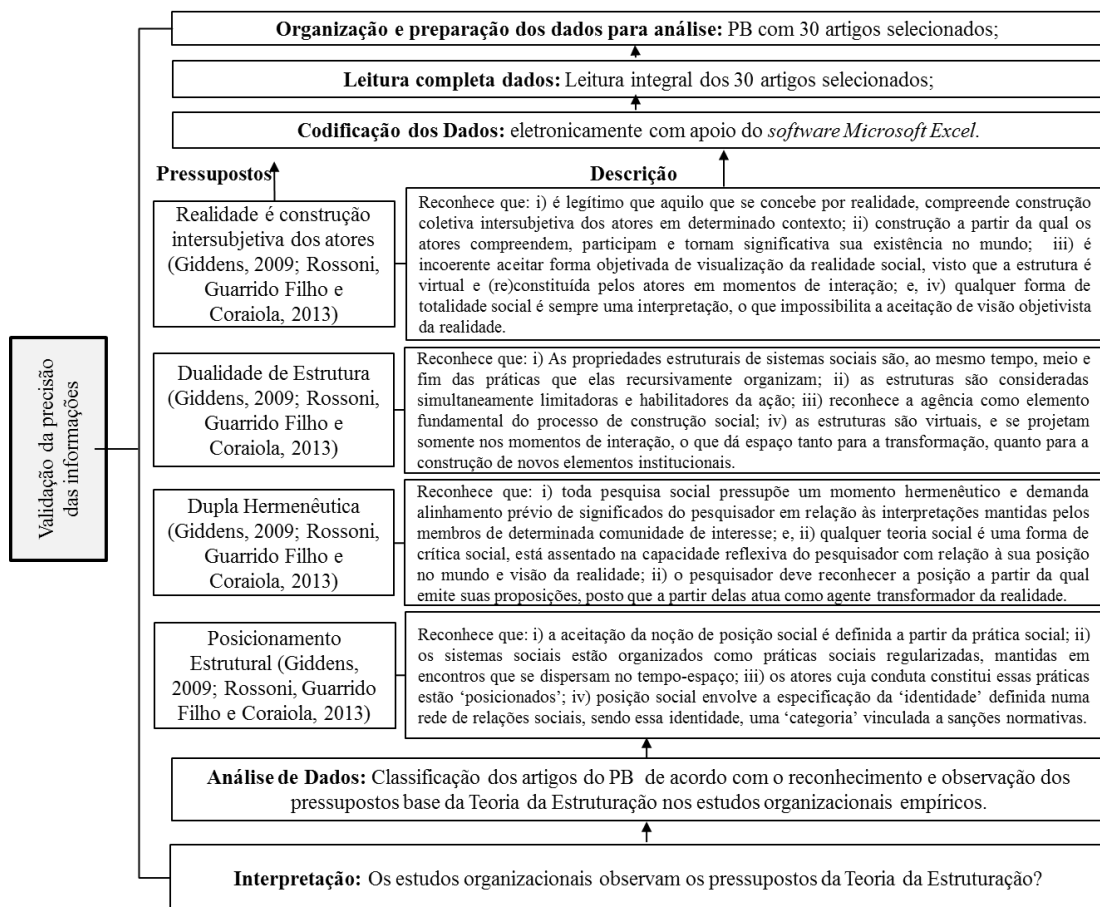


Figura 3. Validação da precisão das informações analisadas.

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Creswell (2010, p. 218).

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na primeira análise, quanto ao tipo de trabalho, constatou-se que 80% dos artigos realizou estudo de caso. Isso é apontado por Creswell (2010) como uma das metodologias qualitativas que podem ser empregadas: biografia, fenomenologia, *grounded theory*, etnografia. Três trabalhos fizeram uso de questionário, que não é apontado como uma metodologia adequada à realização de estudos qualitativos.

Ainda, 67% dos artigos deram preferência à utilização de mais de uma fonte de informações e evidências, como estratégia para possibilitar a triangulação dos dados e melhorar a confiabilidade dos achados da pesquisa. 70% dos estudos fizeram uso de entrevistas. Cabe

lembrar que, a 95% dos estudos tem natureza qualitativa, sendo esperada a adoção de mais de uma estratégia de coleta de dados.

Quanto à observação das recomendações metodológicas para adoção da perspectiva da TE, conforme demonstrado na Figura 3.

O reconhecimento da realidade social como sendo uma construção intersubjetiva do agente deve ser observado, pois busca evidenciar que os artigos entendem que a realidade é uma forma particular do agente envolvido perceber a realidade. Haverá verdades particulares para cada sujeito. Identificou-se, nessa análise, que 50% dos trabalhos reconhecem isso. Dentre os trabalhos que reconhecem explicitamente:

Autores	Recorte do texto
Lawrence et al. (1997, p. 666)	"Diferentes pessoas percebem um sistema de formas diferentes, e seu uso do potencial do sistema reflete e geram uma variedade de interesses" e "as pessoas atribuem significado e propósito para suas práticas cotidianas"
Moretti e Crnkovic (2015, p. 14).	"Os agentes têm apreensão ativa do mundo, constroem sua visão de mundo"
Macintosh e Scapens, (1990, p. 471)	"indivíduos subjetivamente produzem entendimentos amplamente partilhados, que os guiam em ambientes sociais"
Akgun, Byrne e Keskin (2007, p. 273)	"indivíduos em suas interações baseiam-se em conhecimentos, cognições, sentimentos, emoções e cultura"
Workman (2010, p. 108)	"os atores estão bem informados e reflexivos (reativa ao seu meio ambiente) e têm a capacidade de escolher a agir de uma maneira ou de outra, portanto, qualquer manutenção ou modificação de estruturas institucionais através de suas ações"
Takahashi e Cunha (2005, p. 193)	"a estratégia reflete o modo de perceber o mundo de acordo com a mente dos dirigentes, que direciona ações e comportamentos dentro da organização (...) a formação de estratégia como processo cognitivo está baseada na mente do estrategista e emerge como reflexos da maneira como ele lida com as informações acessíveis"
Roberts & Scapens (1985, p. 453)	"as informações contábeis são frutos de interpretações"

Os demais trabalhos não se preocupam em deixar isso evidente. Ao não reconhecerem esse pressuposto, demonstram que a realidade é percebida como independente da existência humana. Assim, tendem a aceitar o contexto com visão objetiva sem influência do olhar do agente e participação ativa deste na existência do contexto. Isso pode ocasionar dificuldades na justificação da adoção da perspectiva estruturacionista e os conhecimentos gerados do quadro teórico apresentado. A abordagem possui aderência ao emprego de diversas metodologias, desde que essas posições epistemológicas mantenham o pressuposto de realidade e se

embasem na perspectiva da intersubjetividade (ROSSONI; GUARIDO FILHO; CORAIOLA, 2013).

O reconhecimento do princípio da Dualidade de Estrutura serve para deixar posto o entendimento que nem a agência é mais importante que a estrutura, nem a estrutura se sobrepõe à ação humana. Giddens (2009) reconhece que ambas, ação e estrutura, formam um sistema social complementar: uma não existe sem a outra. A maioria dos trabalhos (87%) reconhece a Dualidade de Estrutura, ou seja, complementariedade e simultaneidade entre a

ação do agente e a estrutura na qual está envolvido. Um pequeno grupo não deixa evidente nos trabalhos a reconhecer a Dualidade de Estrutura como importante para utilização da Teoria da Estruturação, são eles, Akgune et al., 2007; Jack, 2007; Walter, 2013 e Ashby et al., 2014. Entretanto, seja qual for a dimensão escolhida pelo pesquisador, ele deve analisar as implicações com base na lógica da Dualidade de Estrutura, visto que, a pesquisa envolve movimentos de aproximação ou distanciamento do foco analítico em relação à dimensão espaço-tempo dos fenômenos e agentes analisados. Ao não atender esse pressuposto, os pesquisadores podem comprometer a confiabilidade dos achados da pesquisa por usarem a perspectiva

estruturacionista e negligenciarem seu principal pressuposto.

O pressuposto da Dupla Hermenêutica se refere à natureza da pesquisa social, sempre admitida como uma construção humana. Assim, o pesquisador tem a responsabilidade de interpretar seus resultados com base no seu quadro teórico. E levar em consideração que o dado sendo coletado passou por um filtro de interpretação da/na fonte produtora do dado. Apenas 10% dos trabalhos analisados reconhecem essa responsabilidade (ROBERTS; SCAPENS, 1985; TAKAHASHI; CUNHA, 2005; SOUZA, 2011), deixando isso evidente nos artigos:

Autores	Recorte do texto
Takahashi e Cunha (2005, p. 188)	"o pesquisador é o instrumento-chave para a análise qualitativa realizada"
Souza (2011, p. 872)	"toda a análise dos dados se ampara fortemente nas percepções de um único pesquisador"
Roberts e Scapens (1985, p. 455)	"a realidade social não é em si um objeto, mas sim um fluxo de eventos e práticas inter-relacionados, alterados pela nossa própria percepção e dos outros"

Causa estranheza que 90% dos trabalhos realizem uma pesquisa interpretativista, utilizando uma Teoria Estruturacionista, e não evidenciem que os resultados estão envolvidos na sua interpretação, nos conhecimentos agregados, podendo direcionar a explicação dos fenômenos estudados. Bem como, que os agentes entrevistados também possuem seus próprios entendimentos da situação e que levam em conta isto no momento da interação com o pesquisador. Há que se reconhecer que os atores racionalmente apresentam motivos para a realização de suas ações. Assim, é preciso compreender os efeitos produzidos sobre a ação humana para transformar aquela realidade.

elemento que separa e diferencia as ciências sociais das ciências da natureza, ou seja, o fato de o objeto estudado alterar-se por obra do pesquisador que o estuda (GIDDENS, 2009). Toda pesquisa social pressupõe um momento hermenêutico, demandando alinhamento prévio do arranjo de significados do pesquisador em relação às interpretações possíveis dos membros da comunidade investigada. Logo, o pesquisador tem função importante na condução da pesquisa e nos resultados encontrados, e isso deve ficar claro nos artigos, visto que podem enviesar os resultados apresentados.

Nesse pressuposto, está compreendido um

O último pressuposto analisado, o posicionamento Estrutural, é reconhecido por 63% dos trabalhos analisados:

Autores	Recorte do texto
Tollington (2006, p. 800)	"Essa interpretação é produzida e reproduzida pelo tempo e espaço, por atores sociais cujas ações são normalmente ligadas a este sistema social por estruturas sociais de contabilidade"
Roberts & Scapens (1985, p.453)	"a distância do contexto no qual a informação é recolhida representa ser bastante diferente do contexto em que é interpretado"
Macintosh (1995, p. 303)	"ações reflexivas dos indivíduos em situações específicas de espaço-tempo"
Lawrence et al. (1997, p. 682)	"Teoria da Estruturação de Giddens contém em si um meio de examinar mudanças nos sistemas sociais. A habitualização e rotinização endêmica em instituições proporciona estabilidade ao longo do tempo e espaço, mas permite mudança incremental lenta por meio da incerteza inerente envolvida na reprodução do sistema"

Em 37% dos trabalhos analisados, não há evidência do reconhecimento de que as práticas sociais analisadas são desenvolvidas por atores posicionados em determinado contexto e período de tempo. Isso define os limites da agência e as fronteiras de cenários de ação. Esse pressuposto está ligado à aceitação da Dualidade de Estrutura, aceitando que a estrutura de relações é simbólica e historicamente construída pelos agentes. Para dar conta do reconhecimento desse pressuposto, a análise deve recair sobre a avaliação da interação social e das disposições dos autores nas relações sociais, aceitando que, como parte de uma estrutura social, estão posicionados transitoriamente. No momento seguinte, o cenário espacial poderá ser modificado e a situação encontrada e a ação ser realizada de forma diferenciada.

Por fim, concluímos que, dos artigos analisados, a maioria não leva em consideração todos os pressupostos associados à Teoria da Estruturação. Apenas os trabalhos de Roberts e Scapens (1985), Macintosh e Scapens (1990) e Takahashi e Cunha (2005) deixam evidente que estão levando em conta todos os quatro pressupostos. Ao embasar sua pesquisa na Teoria da Estruturação e não levar em conta os pressupostos, os pesquisadores põem em risco a validade e confiabilidade dos resultados encontrados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teoria da Estruturação tem sido bastante empregada nesses estudos organizacionais. Embora tenha sido concebida para análise sociológica. Esta pesquisa teve por objetivo analisar os estudos organizacionais quanto à observação dos pressupostos-base da Teoria da Estruturação, a saber: realidade é construção intersubjetiva dos atores; dualidade de estrutura, dupla hermenêutica e posicionamento estrutural.

Ainda, lança luz à necessidade de seguir os pressupostos básicos da Teoria da Estruturação para que os achados sejam confiáveis. 50% dos trabalhos reconhecem a construção intersubjetiva do agente, ou seja, entendem que a realidade é uma forma particular do agente

envolvido perceber a realidade. Ao não reconhecer este pressuposto, os trabalhos negam a influência da percepção e a participação ativa dos agentes, que é defendido pela Teoria.

Enquanto 87% dos trabalhos reconhece a Dualidade de Estrutura, apenas 10% dos trabalhos analisados reconhecem o pressuposto da Dupla Hermenêutica. A maioria não reconhece que o pesquisador tem a responsabilidade de interpretar seus resultados com base no seu quadro teórico, e que isso pode influenciar os resultados apresentados. Bem como que a fonte geradora da informação também é resultado de uma interpretação. Isso deve ser reconhecido numa pesquisa qualitativa. E, os conhecimentos agregados podem direcionar a explicação dos fenômenos estudados. Haja vista que, o objeto estudado alterar-se por obra do pesquisador que o estuda (GIDDENS, 2009), e também em função do participante.

Em 37% dos trabalhos analisados, não há evidência do reconhecimento de que as práticas sociais analisadas são desenvolvidas por atores posicionados em determinado contexto e período de tempo. Isso chama atenção porque esse pressuposto está ligado à aceitação da Dualidade de Estrutura (reconhecida por 87%), aceitando que a estrutura de relações é simbólica e historicamente construída pelos agentes.

Esta pesquisa evidenciou que apenas 10% maioria dos trabalhos analisados leva em consideração todos os pressupostos associados à Teoria da Estruturação. Assim como Rossoni, Guarido Filho e Coraiola (2013) acredita-se que os pressupostos analisados tenham implicações nas formas de investigação sob a perspectiva da Teoria da Estruturação. Espera-se que, outras formas de interpretação dos resultados da pesquisa por parte do pesquisador sejam desenvolvidas, buscando rever as formas de construção de inferências sobre a realidade social. Mudando-se os pressupostos, alteram-se as formas de o pesquisador ver a realidade e, ao mesmo tempo, altera-se o conteúdo lido em um segundo momento por autores leigos. Por isso,

eles devem estar claramente identificados no texto. Ao embasar sua pesquisa na Teoria da Estruturação e não levar em conta os pressupostos, os pesquisadores põem em risco a validade e confiabilidade dos resultados encontrados.

Por fim, cabe lembrar que a análise realizada neste artigo, limitou-se a verificação da observação e evidência dos pressupostos da Teoria da Estruturação nos artigos. Ao não deixar evidente seus posicionamentos, pode ter problemas com a interpretação dos resultados encontrados. Sugere-se que futuros trabalhos, ao adotarem a Teoria da Estruturação, atendam os pressupostos de modo a se posicionar para evitar pôr em risco a validade e confiabilidade de seus resultados.

REFERÊNCIAS

AHRENS, T.; CHAPMAN, C. The structuration of legitimate performance measures and management: Day-to-day contests of accountability in a U.K. restaurant chain. **Management Accounting Research**, v. 13, n. 2, p. 151-171, 2002. [PB]

AKGUN, A.E.; BYRNE, J.; KESKIN, H. Organizational intelligence: a structuration view. **Journal of Organizational Change Management**, v.20, n.3, p. 272-289, 2007.[PB]

ASHBY, S.; PETERS, L.D.; DEVLIN, J. When an irresistible force meets an immovable object: The interplay of agency and structure in the UK financial crisis. **Journal of Business Research**, v.67, n.1, p. 2671-2683, 2014. [PB]

ASHRAF, J.; UDDIN, S. Management accounting research and Structuration Theory: A critical realist critique. **Journal of Critical Realism**, v.14, n.5, p. 485-507, 2015. [PB]

BERENDS, H.; BOERSMA, K.; WEGGEMAN, M. The structuration of organizational learning. **Human Relations**, v. 56, n. 9, p. 1035-1056, 2003. [PB]

BEUREN, I. M.; ALMEIDA, D. M. Impactos da

implantação das normas internacionais de contabilidade na controladoria: um estudo à luz da teoria da estruturação em uma empresa têxtil. **Revista de Administração**, v. 47, n. 4, p. 653-670, 2012.[PB]

_____. Impacto da Adoção das Normas Internacionais de Contabilidade na Área da Controladoria. **Revista de Administração Contemporânea**, v.19, n.3, p. 311-335, 2015.[PB]

BOLAND JR, R.J. Accounting and the interpretive act. **Accounting, Organizations and Society**, v.18, n.2-3, p. 125-146, 1993.[PB]

BUSCO, C. Giddens' Structuration Theory and its implications for management accounting research. **Journal of Management & Governance**, v. 13, n. 3, p. 249-260, 2009.

CAPAUVERDE, C. B.; VAZQUEZ, A. C. S. Implantação de Processo Eletrônico no Sistema Judiciário: um Estudo Sobre Aprendizagem Organizacional em uma Secretaria de Gestão de Pessoas. **REAd. Revista Eletrônica de Administração**, v. 21, n.2, p. 462-490, 2015.[PB]

CHUNG, L.H.; PARKER, L.D. Integrating hotel environmental strategies with management control: A structuration approach. **Business Strategy and the Environment**, v. 17, n. 4, p. 272-286, 2008.[PB]

CONRAD, L. A structuration analysis of accounting systems and systems of accountability in the privatised gas industry. **Critical Perspectives on Accounting**, v. 16, n. 1, p. 1-26, 2005.[PB]

_____. Reflections on the application of and potential for structuration theory in accounting research. **Critical Perspectives on Accounting**, v. 25, n. 2, p. 128-134, 2014.[PB]

CONRAD, L.; USLU, P.G. Investigation of the impact of 'Payment by Results' on performance measurement and management in NHS Trusts. **Management Accounting Research**, v. 22, n. 1, p. 46-55, 2011.[PB]

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativos, Quantitativos e Mistos**. Tradução: Magda Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DEMO, P. **Sociologia: uma introdução crítica** (2. ed.). São Paulo: Atlas, 1987.

DOMINGUES, J. M. **Teorias Sociológicas no século XX** (3. ed.). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2008.

DUTTA, D.K.; MALHOTRA, S.; ZHU, P. Internationalization process, impact of slack resources, and role of the CEO: The duality of structure and agency in evolution of cross-border acquisition decisions. **Journal of World Business**, v. 51, n. 2, p. 212-225, 2016.[PB]

DUTRA, A.; RIPOLL-FELIU, V. M.; FILLOL, A. G.; ENSSLIN, S. R.; ENSSLIN, L. The construction of knowledge from the scientific literature about the theme seaport performance evaluation, **International Journal of Productivity and Performance Management**, v. 64, iss 2, p. 243 – 269, 2015. <http://dx.doi.org/10.1108/IJPPM-01-2014-0015>.

EDWARDS, T. Innovation and Organizational Change: Developments Towards an Interactive Process Perspective. **Technology Analysis & Strategic Management**, v. 12, n. 4, p. 445-464, 2000.[PB]

ENGLUND, H.; GERDIN, J. Structuration theory in accounting research: Applications and applicability. **Critical Perspectives on Accounting**, v. 25, n. 2, p. 162-180, 2014.[PB]

_____. What can (not) a flat and local structuration ontology do for management accounting research?: A comment on Coad, Jack and Kholeif. **Qualitative Research in Accounting & Management**, v. 13, n. 2, p. 252-263, 2016.

ENGLUND, H.; GERDIN, J.; BURNS, J. 25 Years of Giddens in accounting research: Achievements, limitations and the future. **Accounting, Organizations and Society**, v. 36, n. 8, p. 494-513, 2011.

ENSSLIN, S. R.; RIPOLL-FELIU, V. M.; ENSSLIN, L.; DUTRA, A. Performance Evaluation to Support the University Management Activity. **La Pensée (Paris)**, v. 76, p. 2-17, 2014.

FERREIRA, D. **Manual de Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GAO, P.; LI, J.H. Applying structuration theory to the benchmarking analysis: Case of China's telecommunications market. **Benchmarking: An International Journal**, v. 17, n. 2, p. 253-268, 2010.[PB]

GIDDENS, A. **New Rules of Sociological Method: A Positive Critique of Interpretative Sociologies**. Londres: Hutchinson & CO, 1976.

GIDDENS, A. **Novas regras do método sociológico: uma crítica positiva das sociologias compreensivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIDDENS, A. **Central Problems in Social Theory: Action, structure and contradiction in social analysis**. London: Macmillan Education UK, 1979.

GIDDENS, A. **Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo** (C. S. Rizek, Trans.). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

GIDDENS, A. **Sociologia** (S. R. Netz, Trans. 4. ed. v. 4). Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIDDENS, A. **A Constituição da Sociedade** (Á. Cabral, Trans. v. 3. ed.). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

GIDDENS, A.; PIERSON, C. **Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade** (L. A. Monjardim, Trans. 1. ed.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

HARRIS, E.P.; NORTHCOTT, D.; ELMASSRI, M.M.; HUIKKU, J. Theorising Strategic Investment Decision-Making using Strong Structuration Theory. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, v. 29, n. 7, p. 1177-1203, 2016.

JACK, L. Accounting, post-productivism and corporate power in UK food and agriculture. **Critical Perspectives on Accounting**, v. 18, n. 8, p. 905-931, 2007.[PB]

JUNQUILHO, G. S. Condutas gerenciais e suas raízes: uma proposta de análise à luz da Teoria da Estruturação. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 7, n. spe, p. 101-120, 2003. [PB]

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Sociologia Geral** (7. ed.). São Paulo: Atlas, 2006.

LAWRENCE, S.; ALAM, M.; NORTHCOTT, D.; LOWE, T. Accounting systems and systems of accountability in the New Zealand health sector. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, v. 10, n. 5, p. 665-683, 1997.[PB]

MACINTOSH, N.B. The Ethics of profit manipulation: A Dialectic of Control Analysis. **Critical Perspectives on Accounting**, v. 6, n. 4, p. 289-315, 1995.[PB]

MACINTOSH, N.B.; SCAPENS, R.W. Structuration theory in management accounting. **Accounting, Organizations and Society**, v. 15, n. 5, p. 455-477, 1990.[PB]

MORÉN, E.N. The negotiated character of performance appraisal: How interrelations between managers matters. **International Journal of Human Resource Management**, v. 24, n. 4, p. 853-870, 2013.[PB]

MORETTI, S.L.A.; CRNKOVIC, L.H. Fatores Estruturais e Aspectos Recursivos no Desenvolvimento de Pequenas Empresas de Base Tecnológica, em São Carlos, SP: um estudo sob a ótica da Teoria da Estruturação de Giddens. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 15, n. 1, p. 5-31, 2015.[PB]

RICHARDSON, M. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo, 1999.

ROBERTS, J.; SCAPENS, R.W. Accounting systems and systems of accountability — understanding accounting practices in their organisational contexts. **Accounting,**

Organizations and Society, v. 10, n. 4, p. 443-456, 1985. [PB]

RODRIGUES, A.L. Tensões entre econômico e social: uma proposta de análise à luz da Teoria da Estruturação. **Revista de Administração de Empresas**, v. 48, n. 2, p. 37-50, 2008. [PB]

ROSSONI, L.; GUARIDO FILHO, E.R.; CORAIOLA, D.M. Recomendações metodológicas para a adoção da perspectiva da estruturação nos estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 20, n. 66, p. 523-542, 2013.

SAUERBRONN, F.F.; SAUERBRONN, J.F.R.; GANGEMI, P.P.D.; FERNANDES, J.D. Strategy and management of the judiciary: a proposal for a study of social practices related to BSC. **Revista do Serviço Público**, v. 67, n. 1, p. 7-29, 2016.[PB]

SCAPENS, R.W.; MACINTOSH, N.B. Structure and agency in management accounting research: A response to Boland's interpretive act. **Accounting, Organizations and Society**, v. 21, n. 7-8, p. 675-690, 1996.

SOUZA, C.M.L. Entre o planejamento estratégico formal e informal: um estudo de caso exploratório sobre a prática de estratégia nas organizações. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 5, p. 855-876, 2011. [PB]

TAKAHASHI, A. R. W.; CUNHA, C. R. Teoria da estruturação e esquemas interpretativos: contribuições à análise organizacional. **GESTÃO. Org**, v. 3, n. 3, p. 182-196, 2005. [PB]

TOLLINGTON, T. UK goodwill and intangible asset structuration: The FRS10 rule creation cycle. **Critical Perspectives on Accounting**, v. 17, n. 6, p. 799-826, 2006.[PB]

UDDIN, S.; TSAMENYI, M. Public sector reforms and the public interest: A case study of accounting control changes and performance monitoring in a Ghanaian state-owned enterprise. **Accounting, Auditing and Accountability Journal**, v. 18, n. 5, p. 648-674, 2005. [PB]

VALMORBIDA, S.M.I.; ENSSLIN, L. Construção de conhecimento sobre Avaliação de Desempenho para gestão organizacional: uma investigação nas pesquisas científicas internacionais. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 13, n. 28, p.123-148, 2016.

WALTER, S.A. Aliança estratégica: papel dos estrategistas e das propriedades estruturais do campo organizacional. **Revista Brasileira de Estratégia**, v. 6, n. 1, p. 83-96, 2013. [PB]

WANDERLEY, C.A.; CULLEN, J. Um caso de mudança na contabilidade gerencial: a dinâmica política e social. **Revista Contabilidade & Finanças - USP**, v. 23, n. 60, p. 161-172, 2012. [PB]

WHITFORD, J.; ZIRPOLI, F. Pragmatism, practice, and the boundaries of organization. **Organization Science**, v. 25, n. 6, p. 1823-1839, 2014.[PB]

WORKMAN, M. A structuration agency view of investor-officer power struggles and conflict in a private firm: A tale of two agendas. **Performance Improvement Quarterly**, v. 23, n. 1, p. 107-127, 2010. [PB]

Endereço dos Autores:

Rua Desembargador Vítor Lima, 260
Sala 608
Trindade
Florianópolis – SC – Brasil
88040-401